



O ENSINO DE GEOGRAFIA E A VIVÊNCIA DOS ESTUDANTES NO BAIRRO¹

Aliny Ferreira Queiroz²

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo refletir como a referência do bairro do aluno, enquanto lugar de vivência na cidade, contribui para o desenvolvimento de um ensino de Geografia mais significativo e presente na vida dos estudantes. O texto está fundamentado em teóricos que pesquisam sobre a importância de considerar a espacialidade vivenciada pelo estudante, como elemento que atribui sentido ao que pretende-se ensinar, como Cavalcanti (2022; 2024), Lopes (2020; 2024), Marino (2023, 2024), e também Toassa (2010) e Vigotski (2010; 2018) na compreensão da categoria vivência. Quanto a metodologia, está sendo estruturada a partir da pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa-ação e fundamentada na perspectiva histórico-cultural, com levantamento de dados por meio da revisão bibliográfica e da pesquisa de campo. Como a pesquisa encontra-se em fase desenvolvimento, iremos apresentar os resultados parciais, que demonstram que os estudantes interagiram mais com o conteúdo geográfico, quando ocorre a problematização em sala de aula de situações concretas vivenciadas por eles.

Palavras-chaves: Ensino de Geografia, Vivência, Ensino mais significativo.

ABSTRACT

This research aims to reflect on how the student's neighborhood, as a place of experience in the city, contributes to the development of a more meaningful and present Geography teaching experience. The text is based on theorists who study the importance of considering the spatiality experienced by students as an element that gives meaning to what is intended to be taught, such as Cavalcanti (2022; 2024), Lopes (2020; 2024), Marino (2023, 2024), and also Toassa (2010) and Vygotsky (2010; 2018) in understanding the category of experience. The methodology is structured based on qualitative research, of the action research type, and based on a historical-cultural perspective, with data collection through bibliographic review and field research. As the research is in the development phase, we will present the partial results, which demonstrate that students interacted more with the geographic content when there was problematization in the classroom of concrete situations experienced by them.

Keywords: Teaching Geography, Experience, More meaningful teaching.

INTRODUÇÃO

A Geografia Escolar na atualidade enfrenta diversos desafios, dentre eles citamos a dificuldade e o desinteresse em relação a aprendizagem dos conteúdos geográficos pelos

¹ Projeto de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Jataí.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Jataí; mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia/IESA pela Universidade de Goiás; alinyferreiraqueiroz@gmail.com



alunos, problemas que são percebidos pelos professores que atuam na educação básica. Essa situação requer um olhar atento as práticas pedagógicas que tem ocorrido nas escolas, onde na maioria das vezes predominam um ensino distante do que tem acontecido no mundo, desconectado da realidade vivenciada pelo aluno no espaço geográfico. Para Santos (2024) a escola deveria ensinar a partir da realidade vivenciada, de onde poderia ser extraído conteúdo para a aprendizagem, com a abordagem de situações problemas a partir do cotidiano do estudante.

Diante desta realidade, defendemos a ideia de que é preciso dar sentido e significado aos conteúdos escolares, sendo necessária uma maior articulação dos conteúdos em sala de aula com a vivência do estudante. Assim, temos a possibilidade de ampliarmos o espaço educativo, articulando a escola ao seu entorno, tornando a Educação Geográfica mais significativa e presente na vida dos estudantes, ao relacionar as observações empíricas do bairro com as discussões teóricas que ocorrem na sala de aula. De fato, temos que trabalhar em sala de aula as experiências espaciais cotidianas, mas também considerando a dimensão escalar e a relação dialética entre o todo e a parte, no qual há uma rede de conexão entre os territórios.

Os fatores que motivam a escolha dessa temática é a vivência da pesquisadora, que atua na área de ensino de Geografia na Rede Estadual de Educação de Goiás, que ao longo de sua carreira profissional, tem tentando propor um ensino mais próximo a realidade do aluno. Essa pesquisa apresenta uma temática bastante relevante para a Geografia Escolar, pois trata-se de uma proposta de ensino que explora o lugar de vivência do aluno como forma de contextualizar os conteúdos geográficos, dando sentido a eles a partir da percepção e experiência na cidade, tornando o ensino mais significativo ao estabelecer uma relação mais próxima entre a Geografia ensinada na escola e a Geografia vivenciada no cotidiano.

Em relação aos resultados esperados da pesquisa, desejamos que seja um momento de oportunidade para repensarmos o ensino de Geografia, com a discussão de encaminhamentos didáticos que mobilize o aluno a pensar o mundo de forma geográfica, ao interpretar a realidade vivida por intermédio de conceitos e categorias da ciência geográfica. Essa pesquisa, trata-se de uma proposta que está em fase de desenvolvimento, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Jataí.

Dessa forma, o presente texto objetiva refletir como a referência do bairro do aluno, enquanto lugar de vivência na cidade, contribui para o desenvolvimento do pensamento geográfico, resultando em aprendizagem significativa. A metodologia de trabalho está sendo estruturada por meio da abordagem qualitativa, do tipo pesquisa-ação e fundamentada na perspectiva histórico-cultural, com levantamento de dados por meio da revisão bibliográfica e



da pesquisa de campo, com a observação de aulas em escolas da Rede Estadual de Educação de Goiás, da regional Goiânia, e experimentação de uma proposta didática de ensino no Colégio Estadual Vitor José de Araújo, localizado nessa mesma cidade.

METODOLOGIA

No decorrer do desenvolvimento deste projeto, além de observamos aulas de Geografia em escolas públicas, pretendemos elaborar e experimentar uma proposta didática de ensino, que será composta por uma sequência de atividades sobre os aspectos geográficos do lugar de vivência, com o intuito de mobilizar o aluno a pensar na produção espacial do bairro, de forma a considerar seu contexto sociocultural e as relações que esse espaço estabelece com outros lugares da cidade e do mundo.

Para realização desse projeto elencamos as seguintes categorias, que irão nortear a discussão teórica, a elaboração da proposta didática e pesquisa de campo: bairro, vivência, desenvolvimento metodológico de ensino, aprendizagem significativa (com sentido e significado), pensamento geográfico. As etapas metodológicas da pesquisa são:

- Revisão bibliográfica sobre as categorias da pesquisa no ensino de geografia, com enfoque para a construção do pensamento geográfico a partir da análise do lugar de vivência do aluno;
- Observação e análise de aulas observadas no ensino fundamental II e ensino médio, tendo como foco de análise a abordagem dos conteúdos geográficos e a interação com o espaço de vivência;
- Elaboração de uma proposta didática de ensino, composta por uma sequência de atividades, que articula os conteúdos geográficos com o lugar de vivência dos estudantes;
- Percurso de mediação didática, com aplicação da sequência de atividades em duas turmas do 7º ano do ensino fundamental II.
- Análise e discussão das atividades didáticas executadas pelos alunos.

O projeto de pesquisa está em fase de desenvolvimento, até o presente momento foram realizadas pesquisas bibliográficas e pesquisa de campo, com observação de aulas no ensino fundamental II e ensino médio, analisando a abordagem dos conteúdos geográficos e a interação com o espaço de vivência. A elaboração e a experimentação da proposta didática de ensino será desenvolvida no primeiro e segundo semestre de 2026.

Para elaboração da proposta didática de ensino, iremos fazer um diagnóstico do perfil dos alunos e dos elementos espaciais do bairro, que possui potencial educativo para problematizar e sistematizar o conteúdo geográfico. Optamos por focar a pesquisa no bairro



onde está localizada a unidade escolar, haja visto que a maioria dos alunos moram nas adjacências da escola. A pesquisa de campo será realizada no Colégio Estadual Vitor José de Araújo, localizado na região noroeste de Goiânia, no bairro Jardim Curitiba III.

A ação didática proposta nessa pesquisa será delineada pela concepção teórica histórico-cultural³, no qual entende que a aprendizagem é um processo que ocorre ao longo da vida de um sujeito, e que será mais bem trabalhada e sistematizada na escola. Nessa concepção de método, o aluno é sujeito ativo no processo de aprendizagem, adquire conhecimento geográfico e produz uma Geografia cotidiana, e na escola terá a oportunidade de sistematizar cientificamente esse conhecimento e desenvolver seu pensamento conceitual.

Sobre essa concepção de método, destacamos Cavalcanti (2022), que tem fundamentado suas pesquisas na teoria histórico-cultural. A autora defende a ideia de que a principal atividade da escola é ajudar o aluno a desenvolver seu pensamento conceitual: “[...] mais do que ensinar Geografia, ao trabalhar seus conteúdos, pode-se ensinar a apreender e avaliar a realidade em sua espacialidade. Sendo assim, ao ensinar Geografia, o professor ensina um tipo de pensamento que ajuda o sujeito escolar a pensar o mundo pela Geografia.” CAVALCANTI (2022, p.30).

Outro aspecto que destacamos em relação ao método, é que pretendemos explorar geograficamente o lugar de vivência do aluno considerando a sua totalidade, levando em conta as relações que esse espaço estabelece com outros lugares da cidade e do mundo. Partindo desses princípios metodológicos, iremos considerar a experiência do aluno com o lugar e relacioná-lo com as diferentes escalas de análise, numa relação dialética que considera o local e o global.

Para isso utilizaremos como princípio a ideia de totalidade, que foi proposta por Santos (1996), no qual o local é compreendido por meio de uma análise do espaço total, também conhecido como espaço global. Em relação ao lugar e o global, Santos (2009) faz a seguinte observação: “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (SANTOS, 2009, p. 339). Para entendermos o lugar, não podemos estudá-lo de forma fragmentada e isolada das demais dimensões espaciais, pois há uma conexão dos lugares com o espaço mundial, haja visto que o lugar é uma fração da totalidade.

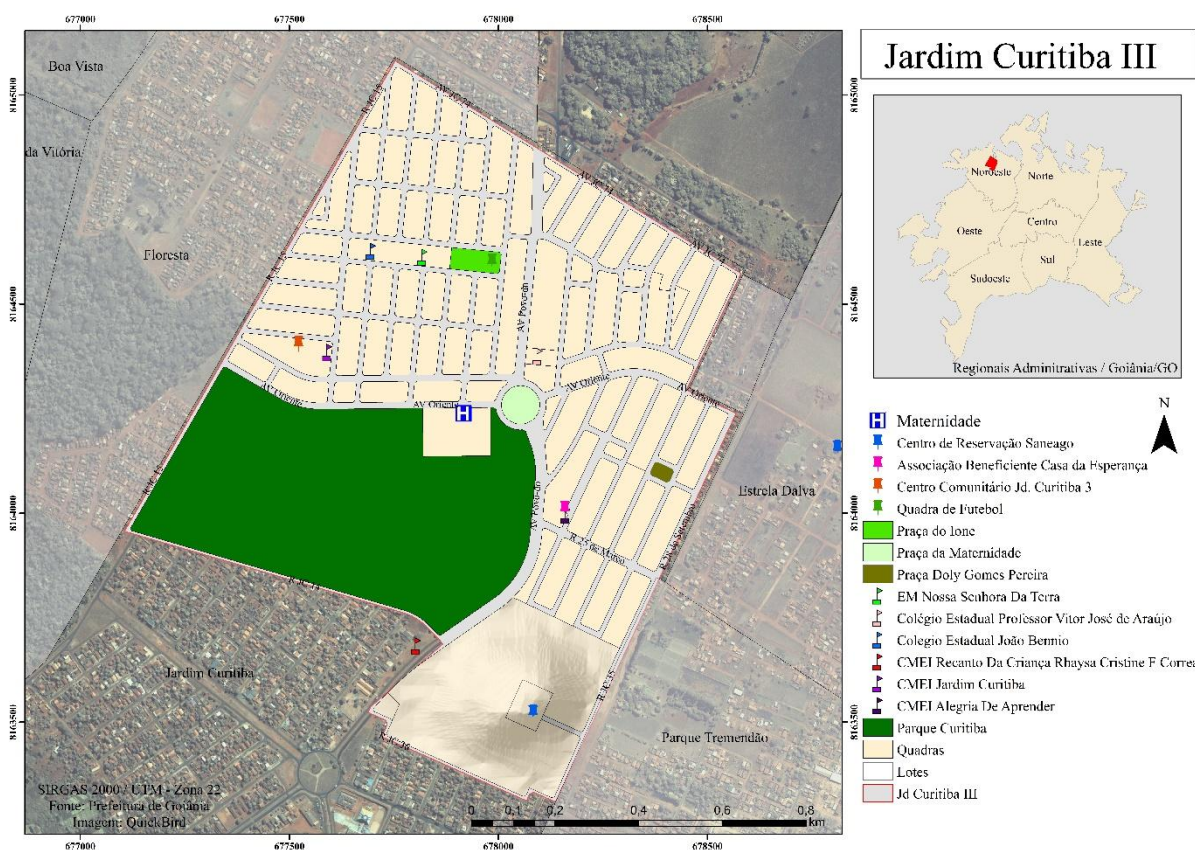
De forma preliminar, destacamos alguns elementos espaciais do bairro Jardim Curitiba III, no qual está localizado a escola onde será realizado a experimentação didática. Podemos explorar nas aulas de Geografia, os seguintes componentes espaciais desse bairro para

³ Teoria proposta por Vygotski, que tem como premissa o desenvolvimento social, cultural e cognitivo dos alunos na educação escolar.

problematizar o conteúdo: a mata próximo a maternidade municipal, o morro (onde está localizado o centro de reserva da Saneago), a praça da avenida principal do bairro, a avenida do Povo (a principal avenida de mobilidade do bairro, com transporte público e que conecta o bairro aos demais bairros da região), avenida Oriente e Vinte e Cinco de Março (onde há maior fluxo de comércio e pessoas).

E assim pretendemos realizar atividades pedagógicas, explorando os componentes socioespaciais e físicos-naturais desse bairro para pensar e aprender Geografia. Na figura 1 apresentamos o mapa desse bairro, no qual foram elencados os principais elementos espaciais que poderão ser utilizados para elaborar e experimentar uma proposta didática de ensino.

Figura 01 – Mapa de localização do Jardim Curitiba III/Goiânia



Fonte: Prefeitura de Goiânia, SIRGAS, 2000.

Os elementos espaciais do bairro, quando trazidos para a sala de aula, proporcionam uma relação mais significativa entre a Geografia que se estuda e a que está presente no cotidiano das cidades. Aquilo que é mais significativo para os alunos, chama mais atenção e desperta uma maior curiosidade, e consequentemente, motiva o aluno a fazer questionamentos sobre a espacialidade do bairro. E assim, a partir desses questionamentos, o professor pode mediar uma



discussão fundamentada no conteúdo geográfico, e possibilitar que o aluno tenha autonomia para pensar e construir seu próprio raciocínio.

Ao analisar a mata presente no bairro da escola, no qual foi denominada no mapa de Parque Curitiba, poderíamos abordar as seguintes temáticas: a caracterização da vegetação e os possíveis impactos ambientais provocados pela população local; a relação dessa cobertura vegetal com a questão climática, tanto no espaço local e global; o parque como lugar de recreação e lazer. Também próximo a essa área verde, poderíamos explorar o conceito de relevo, analisando a ocupação e a descaracterização da forma e funcionalidade do morro, onde está localizado o centro de reserva da Saneago (saneamento de Goiás, que presta serviços de abastecimento de água e esgotamento sanitário). Juntamente com a abordagem sobre o relevo, discutir a relação deste, com o escoamento da água da chuva, de forma a considerar que grande parte desta água será escoada para o Rio Meia Ponte.

Em relação, as principais avenidas do bairro, poderíamos refletir sobre questões relacionadas a mobilidade urbana, ao transporte público, o fluxo de capital e pessoas no território. Sobre as praças, discutirmos os elementos naturais e culturais presentes, a forma de apropriação desses espaços públicos, e também, pensar se a arborização da praça e do bairro remete as características da vegetação do cerrado. Dessa forma, a exploração didática da vivência no bairro, pode ser uma poderosa ferramenta pedagógica para potencializar a aprendizagem geográfica, ao atribuir sentido ao que se pretende ensinar na escola.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa, propomos uma aprendizagem mais significativa na escola, um ensino de Geografia que possibilita ao estudante pensar e compreender a espacialidade vivenciada no meio geográfico. Cavalcanti (2010) sugere que a escola deve considerar os aspectos cotidianos na abordagem dos conteúdos geográficos: “A Geografia na escola deve estar, então, voltada para o estudo de conhecimentos cotidianos trazidos pelos alunos e para seu confronto com o saber sistematizado que estrutura o raciocínio geográfico” (CAVALCANTI, 2010, p. 129). Sendo assim, é imprescindível que o professor trabalhe em sala de aula, discussões geográficas relacionadas a vida cotidiana na cidade, considerando a Geografia vivenciada e produzida pelos escolares no bairro, mas também articulando esse meio geográfico a escala global.

Ao problematizarmos questões geográficas referente ao espaço de vivência, devemos relacioná-las com os acontecimentos e fenômenos geográficos que ocorrem nos mais diversos



lugares do mundo. Para isso, temos que considerar que o espaço de vivência do aluno, o bairro, compõe uma estrutura maior e mais complexa, que é a cidade, e está por sua vez está conectada a outras dimensões espaciais, como uma região metropolitana, por exemplo. Essa conexão espacial entre os lugares, acontece devido os fluxos consolidados no espaço, como a circulação de pessoas, mercadorias, capitais e informações. Como nesse projeto, temos como recorte o ensino de Geografia no bairro, devemos considerar que esse lugar faz parte de uma realidade maior, a cidade. Sendo assim, é imprescindível que os conteúdos geográficos sejam trabalhados em sala de aula, na dimensão global e local.

É importante destacar, que a aprendizagem não acontece apenas dentro do espaço físico da escola, mas também aos arredores da escola, nos lugares de vivência dos estudantes. Marino (2023; 2024) ao discutir sobre os territórios educativos, defende a ideia de que as ruas expressam saberes, culturas e conhecimentos que educam seus habitantes. E também, ressalta a necessidade de que a realidade e o mundo vivido, seja incorporado nos currículos e práticas escolares, e isso pode ser trabalhado nas aulas de Geografia, quando abordamos conteúdos relacionados ao espaço urbano.

Sobre a cidade Marino (2023) faz a seguinte consideração:

As cidades expressam em suas ruas, calçadas, praças e demais estruturas a complexidade da vida humana, nelas emergem símbolos, experiências de vida e manifestações culturais. É no espaço da cidade que parte das biografias humanas são construídas e que diversas subjetividades são estabelecidas. As cidades são semeadas por antigos e novos saberes, por uma memória coletiva que se materializa em formas, volumes, cores e odores, expressões de vida que expõem identidades socioespaciais. As cidades são tramas de relações, nelas os aspectos humanos e físicos se entrelaçam, formando um emaranhado de relações que conferem sentido à vida urbana (MARINO, 2023, p. 31)

A cidade é uma importante referência para quem almeja um ensino mais significativo e presente na vida dos estudantes, pois é o lugar onde a sociedade materializa seu modo de vida, sua produção econômica, sua identidade e suas relações afetivas, enfim, onde produz suas relações socioespaciais. Nas aulas de Geografia, ao abordar a temática cidade, podemos correlacionar a dimensão do espaço vivido com a dimensão da conhecimento científico, contribuindo na compreensão do conteúdo de forma concreta e abstrata.

Na cidade encontramos a Geografia materializada, nos elementos e arranjos espaciais, nas relações entre sociedade e os componentes da natureza, na manifestação cultural e na organização socioespacial. Precisamos trazer para a sala de aula, esses elementos e aspectos vivenciados pelos estudantes, e problematiza-los no ambiente escolar. Nesse sentido, Santos (2024), destaca que a escola deve ensinar a partir da realidade vivida:



Quanto ao papel da escola, ela deve ensinar a partir da realidade vivida, de onde são extraídos os conteúdos de aprendizagem para uma educação crítica. Essa concepção se distancia muito das políticas educacionais oficiais, que na maioria das vezes apostam em conteúdos prescritos distantes do cotidiano (SANTOS, 2024, p. 40).

Dessa forma, se desejamos um ensino mais articulado com a realidade vivida, temos que fazer da cidade um lugar de aprendizagem, onde encontramos elementos espaciais com potencial educativo para problematizarmos e sistematizarmos as habilidades propostas no documento curricular e na BNCC⁴. Ao estudar os lugares de uma cidade, o aluno não só analisa sua forma física, como praças, ruas, casas, edifícios, indústrias, vegetação, relevo, rios, mas também tem a oportunidade de discutir os aspectos relacionados ao modo de vida, a produção espacial e econômica da população.

Ressaltamos também, se de fato defendemos um ensino mais significativo, que considere a vivência do estudante, temos que discutir sobre a influência do meio no desenvolvimento cognitivo da criança, utilizaremos como referencial teórico Vigotski (2010; 2018), Toassa (2010), Lopes (2020; 2024).

A vivência no ensino de Geografia

Ao trabalhar sobre os fundamentos da pedologia, Vigotski (2010) discute sobre o papel do meio no desenvolvimento da criança, no qual defende a ideia de que “a vivência de uma situação qualquer, de um componente qualquer do meio determina qual influência essa situação ou meio exercerá na criança” VIGOTSKI (2010, p.684). É a partir dessa vivência no meio, que o mundo da criança se expande, passa a conviver e perceber as relações e fenômenos naturais, sociais, econômicos e culturais materializados nos lugares frequentados na cidade.

Para Tossa (2010) a vivência “[...] delimita a nossa relação com o mundo desde o nascimento, relação que se complexifica com a estruturação dos sistemas psicológicos” (TOASSA, 2010, p. 56.). A vivência de um indivíduo é construída pela relação do sujeito com o meio, e na Geografia temos o privilégio de ter como principal categoria o espaço geográfico, que pode ser utilizando para a compreensão de questões relacionadas à vivência no processo de ensino e aprendizagem.

Em seu estudo sobre os fundamentos da pedologia, Vigotski (2018) destaca:

A vivência é uma unidade na qual se representa, de modo indivisível, por um lado, o meio, o que se vivência – a vivência está sempre relacionada a algo que está fora da pessoa -, e, por outro lado, como eu vivencio isso. [...] Sempre lidamos com uma

⁴ Base Nacional Comum Curricular.



unidade indivisível das particularidades da personalidade e das particularidades da situação que está representada na vivência (VIGOTSKI, 2018, p. 78).

Ao analisarmos a importância da vivência no processo de ensino e aprendizagem, devemos considerar que, tanto as particularidades da personalidade da criança, quanto as particularidades da situação representada na vivência, influenciam no desenvolvimento cognitivo desse indivíduo (Vigotski, 2010). Dessa forma, há influência dos aspectos vivenciados no meio geográfico e de como a criança reage a uma situação vivenciada, em seu desenvolvimento intelectual.

A vivência “é um processo que se dá mediante um componente fora do sujeito e como o sujeito vive isso, já que a vivência representa, ao mesmo tempo, as singularidades do sujeito e do meio” (LOPES, 2020, p. 9). Sendo assim, a vivência está relacionada ao momento vivido no meio e como foi vivido pelo sujeito. Na aula de Geografia, por exemplo, ao propormos aos estudantes, uma análise espacial do bairro onde está localizada a escola, veremos que os relatos serão diferenciados, pois as percepções e experiências espaciais são únicas.

Para Vigotski (2018) o meio exerce influência sobre o desenvolvimento cognitivo de forma distinta, pois um mesmo acontecimento em faixas etárias diferentes, tem um sentido e significado diferente, devido as particularidades pessoais, do nível de desenvolvimento da fala, escrita e da convivência no meio social. A medida que há uma evolução no degrau etário, são estabelecidas novas relações entre a criança e as pessoas no meio: “Cada idade tem seu próprio meio, organizado para a criança de tal maneira que, quando tomado no sentido de algo puramente externo, se modifica na passagem de uma idade para a outra” (VIGOTSKI, 2018, p. 75).

Ao abordar a vivência no ensino temos que considerar que a relação da criança com o meio modifica-se, e que esse meio também é dinâmico, passa por transformações espaciais, sociais e culturais, que interferem na percepção e no entendimento da realidade vivida pelos estudantes. Segundo Vigotski (2010) “[...] o meio não pode ser analisado por nós como uma condição estática e exterior com relação ao desenvolvimento, mas deve ser compreendido como variável e dinâmico” (VIGOTSKI, 2010, p. 691). Nesse sentido, o professor ao problematizar em sala de aula, o meio geográfico do estudante, tem a possibilidade de contextualizar as transformações espaciais vividas e discutí-las, por intermédio dos sistemas conceituais da Geografia, e assim propiciar um ensino que faça mais sentido para a vida dos estudantes.

Para Cavalcanti (2024) “quando se pretende que o aluno aprenda a fazer a análise teórico-conceitual do meio geográfico, o ensino deve ser comprometido com o estudo do



entorno (a espacialidade próxima ao aluno) e do meio geográfico na escala global” (CAVALCANTI, 2024, p. 250). E isso, nós impõe o desafio de problematizar os conteúdos geográficos, trabalhando em sala de aula o contexto sociocultural e espacial do estudante, mas também instigando-o a relacionar o seu lugar de vivência ao contexto regional, nacional e global. Nessa perspectiva, Lopes e Costa (2024) apontam:

Quando falamos sobre a vivência espacial das crianças, emergem questões que não se restringem a locais no espaço, mas ao todo, ao seu interno e externo e em seus contínuos, pois as unidades espaciais vividas não são ilhas isoladas, mas continentes que se estendem além de pontos fixos para criarem uma unidade histórico-geográfica (LOPES; COSTA, 2024. p.13).

Ao explorar didaticamente os aspectos da vivência no ensino de Geografia, não podemos restringir a análise espacial ao bairro, mas interpretá-lo a partir da correlação com o espaço globalizado. Um exemplo disso, é quando discutimos com os alunos a situação do tempo atmosférico no bairro, mais do que descrever a situação climática, temos que evidenciar os fatores que influenciam as condições atmosféricas. Lembrando que, esses fatores resultam de uma dinâmica climática que não acontece de forma isolada no território.

Em relação a vivência espacial, Cavalcanti (2024) faz a seguinte consideração:

Ao longo da vida, os sujeitos têm experiências que podem ser entendidas como geográficas e, assim, desenvolvem saberes geográficos em suas relações sociais e no contexto em que vivem cotidianamente. Em suas atividades diárias, alunos constroem geografia, pois, ao circularem, brincarem, trabalharem pela cidade, pelos bairros, constroem lugares, produzem espaços e tempos, delimitam seus territórios. Eles formam, dessa maneira, espacialidades cotidianas em seu mundo vivido, participando, com isso, da produção de espaços geográficos mais amplos (CAVALCANTI, 2024, p. 106).

A vivência espacial dos estudantes pode ser utilizada no delineamento de situações concretas, para ser problematizada na abordagem dos conteúdos geográficos, e assim dessa forma, romper com o distanciamento entre o que se ensina e vive, atribuindo sentido ao que está aprendendo e consequentemente, despertando o interesse e atenção do aluno ao trazer para a sala de aula reflexões sobre os lugares que habitam e trajetos que percorrem cotidianamente na cidade.

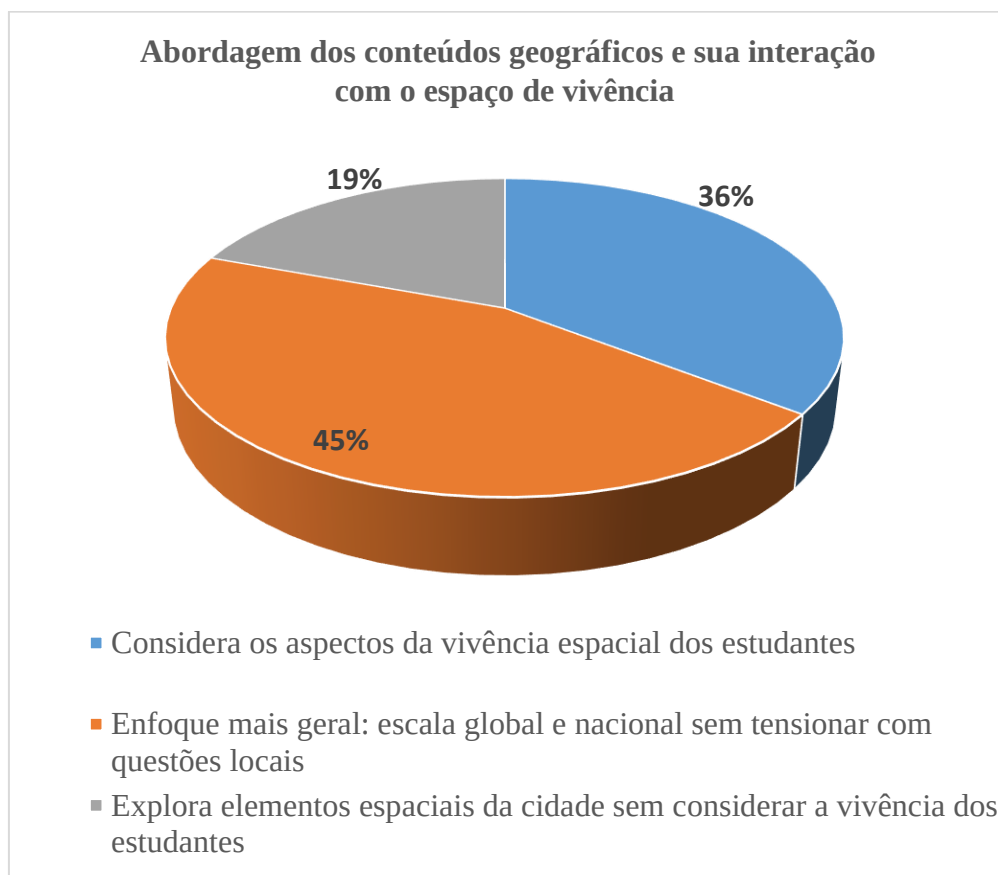
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessa secção apresentaremos os resultados parciais da análise das aulas observadas no ensino fundamental II e ensino médio, que teve como foco de análise a abordagem dos conteúdos geográficos e a interação com o espaço de vivência. A primeira etapa da pesquisa de campo envolveu a observação de 24 aulas, realizadas entre setembro e dezembro de 2024, em



sete escolas distintas (rede pública estadual e municipal), com a participação de 08 professores. A segunda etapa de observação de aulas encontra-se em andamento, no qual já foi realizada a observação de 08 aulas no primeiro semestre de 2025, entre os meses de maio e junho, em duas escolas (rede pública estadual), com participação de 03 professores. Perfazendo um total de 32 aulas, com a participação de 11 professores, no qual analisamos se abordagem dos conteúdos geográficos evidenciaram aspectos da vivência espacial dos estudantes. Os dados dessa análise foram sistematizados nos gráficos 1 e 2.

Gráfico 01 – Ensino de Geografia e a vivência dos estudantes



Fonte: pesquisa de campo, 2024 e 2025

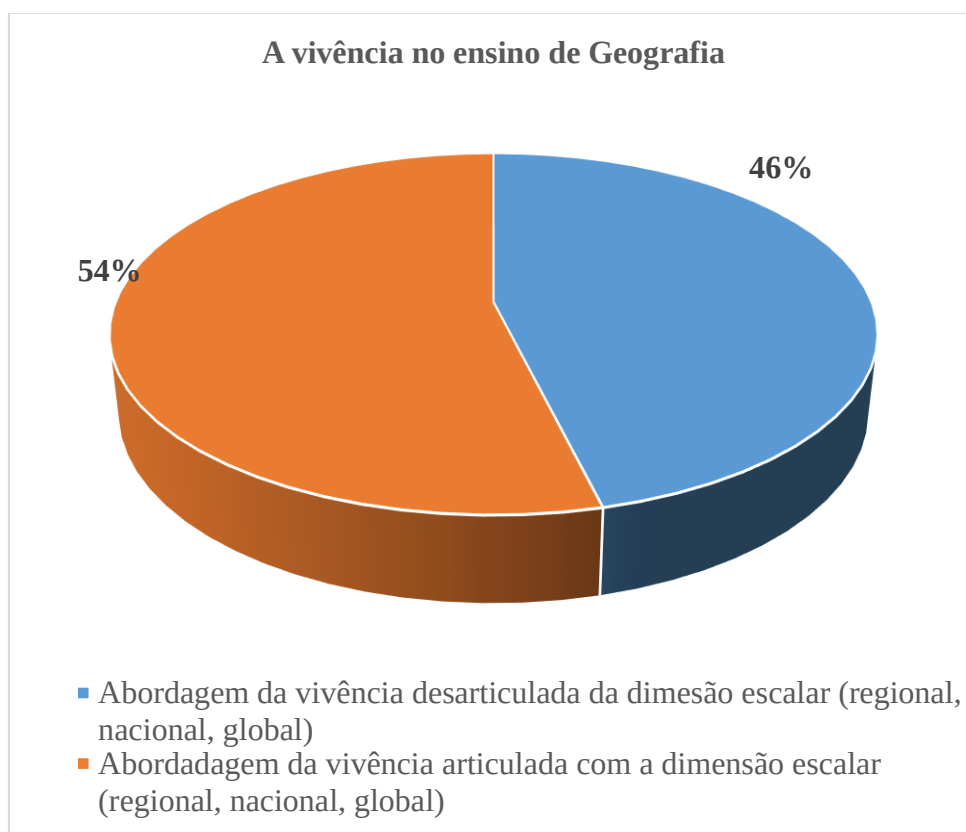
Na análise dos dados coletados na pesquisa de campo, referente a abordagem dos conteúdos geográficos e sua interação com o espaço de vivência dos estudantes, destacamos os seguintes encaminhamentos didáticos que foram executados pelos professores envolvidos na pesquisa: 1º- ao problematizar o conteúdo utilizava aspectos da realidade, a vivência na escola, no bairro e na cidade; 2º- a abordagem do conteúdo destacando aspectos do espaço nacional e global, um pouco distante da realidade do estudante, sem relacionar com cotidiano; 3º- a abordagem da cidade, com um enfoque mais geral, sem valorizar a vivência espacial do estudante.



O gráfico 01 evidencia a predominância de um ensino distante da realidade vivida pelos estudantes, essa situação acontece quando o professor faz uma abordagem com enfoque mais global, e não correlaciona o conteúdo com o território brasileiro, e muito menos com a cidade e o bairro do estudante, concentra as discussões na realidade de outros países e continentes. Outra situação que destacamos também, é quando o professor explora os elementos espaciais da cidade, de forma mais geral, sem considerar a vivência dos estudantes, discutindo sobre lugares e realidades que os estudantes não conhecem. Seria interessante nesse caso, correlacionar o desconhecido com as experiências e vivências espaciais dos estudantes.

Nota-se que 45% das aulas observadas trabalham questões nacionais e globais, sem tensionar com as questões locais, e 19% trabalha questões relacionadas a cidade sem problematizar o cotidiano dos estudantes. Sendo assim, 64% das aulas observadas não exploram didaticamente a vivência dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem.

Gráfico 02- A vivência no ensino de Geografia



Fonte: pesquisa de campo, 2024 e 2025.

No gráfico 02, fizemos um recorte das aulas observadas que utilizaram os aspectos da vivência dos estudantes na abordagem dos conteúdos. Para isso analisamos se houve a



mobilização do raciocínio escalar, adotamos como critério se a abordagem da vivência aconteceu de forma articulada ou desarticulada da dimensão escalar. Ao analisarmos esses dados, percebemos que o percentual de abordagem da vivência de forma desarticulada da dimensão escalar é bem expressiva, apresentando 46%, isso nos levar a refletir que, ainda têm muitos professores que não fazem uma abordagem interescolar, ou seja, trabalham a escala local de forma isolada, sem considerar elementos e situações que acontecem na escala regional, nacional e global.

Enquanto que, a abordagem da vivência articulada com a dimensão escalar, totalizou 56%, demonstrando um certo avanço na prática docente em articular os conteúdos com o cotidiano dos estudantes, no qual problematizou a realidade vivenciada e correlacionou sua discussão, considerando aspectos e situações geográficas de outras dimensões escalares, como outros bairros, cidades, regiões, países e continentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os elementos espaciais do bairro, quando trazidos para a sala de aula, proporcionam uma relação mais significativa entre a Geografia que se estuda e a vivenciada na cidade. Aquilo que é mais significativo para os alunos, chama mais atenção e provoca curiosidade, e consequentemente, motiva o aluno a fazer questionamentos sobre a espacialidade do bairro e da cidade, porém isso nos impõe os seguintes desafios: a elaboração de estratégias didáticas com mobilização do raciocínio interescolar, articulando o espaço local ao global; a escassez de material didático que potencialize o ensino a partir da exploração didática do espaço de vivência; pensar em estratégias de como cada conteúdo pode ser desenvolvido para discutir e problematizar aspectos da vivência dos estudantes.

Ressaltamos diante deste contexto, a necessidade de criarmos estratégias para potencializar o ensino de Geografia, utilizando a vivência dos estudantes para mobilizar o pensamento geográfico, porém temos que tomar cuidado para não dar enfoque demasiado ao empírico e não minimizar a cientificidade do conteúdo abordado. Outro ponto que destacamos em relação a análise das aulas observadas na primeira etapa da pesquisa de campo, é que os conteúdos relacionados as temáticas ambientais, como componentes físicos-naturais, mudanças climáticas e cerrado foram mobilizados considerando a vivência dos estudantes. Na abordagem do conteúdo fluxo migratório e recursos energéticos, também houve a mobilização de situações cotidianas para discutir o conteúdo.



Enquanto que, temas relacionados a globalização, a urbanização, a segregação socioespacial, a paisagem e sobre os povos da América Latina, foram trabalhados numa perspectiva mais distante da realidade, sem instigar a análise dos desdobramentos no espaço local. No caso da temática globalização, poderia ter refletido sobre a influência da globalização na vida dos estudantes, pensando na cultura e produtos consumidos no cotidiano, e ao discutir sobre os povos da América Latina, problematizar a influência indígena na cultura e hábitos cotidianos. E ao abordar sobre urbanização, poderia problematizar os problemas urbanos da cidade, e do bairro da escola e dos alunos.

Numa das aulas observadas, que discutiram o conceito de paisagem, o professor utilizou as imagens do livro didático para explicar o conceito, poderia ter explorado a paisagem vivenciada pelos estudantes na escola e aos arredores dela, e correlacionar com as paisagens ilustradas neste livro. Também destacamos que, em conteúdos relacionados ao Oriente Médio e Estados Unidos, o professor manteve uma postura de descrição dos aspectos gerais e uma percepção distante do local de vivência. Embora não possamos afirmar com convicção, temos a impressão que os docentes constroem possibilidades de relacionar com o contexto local a depender do tipo de conteúdo e sua proximidade com o tema.

Na segunda etapa da pesquisa de compo, das 08 aulas observadas, em quatro delas evidenciamos a interação dos conteúdos com o espaço de vivência, ao trabalhar a pirâmide etária o professor relacionou o conteúdo com o sistema previdenciário brasileiro, discutindo com os estudantes sobre os direitos trabalhistas e aposentadoria, com exemplos de situações vivenciadas por eles. Um outro professor, ao trabalhar sobre as minorias étnicas e sociais, questionou os estudantes, indagando se havia minorias na escola, esse mesmo professor, em outra turma, propôs para os alunos a elaboração de ações para melhorar a questão ambiental na escola.

Em uma das aulas observadas, o professor mobilizou os elementos e fatores climáticos por meio do raciocínio interescalar, contextualizando o conteúdo a partir de recortes espaciais no território brasileiro e continente, e também trazendo a abordagem da temática para realidade vivida na cidade. Mas também, deparamos com uma aula em que o professor apesar de trabalhar a vivência do aluno, explica o conteúdo de forma descritiva, sem questionar os alunos sobre a temática.

Durante a observação dessas aulas, notamos que os estudantes interagiram mais com o conteúdo, quando houve a problematização de situações concretas vivenciadas por eles, demonstraram maior envolvimento e interesse nos momentos de discussões, foram mais



participativos do que nas aulas que predominaram um ensino mais descritivo de situações geográficas distantes de sua realidade.

Diante dessas situações, e dos desafios para termos um ensino mais significativo para os estudantes, finalizamos o artigo com os seguintes questionamentos para refletirmos: quais barreiras conceituais dificultam a prática docente em mobilizar o pensamento geográfico a partir da vivência do estudante? O livro didático padroniza o ensino, com abordagens distantes da realidade vivida pelos estudantes? O caráter descritivo ainda possui fortes resquícios na prática docente, incidindo sobre as dificuldades em aproximar o documento curricular e a vivência dos estudantes? Não temos respostas para esses questionamentos, mas esperamos que ao finalizar as demais etapas do projeto de pesquisa, conseguiremos avançar na busca por uma educação geográfica mais significativa e presente na vida dos estudantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia.** Cad. CEDES v.25 n.66 Campinas maio/agosto. 2005.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos.** Campinas: Papirus Editora : 2010, 16ª edição.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A relação de professores e alunos com conhecimentos geográficos: fundamentos da teoria histórico-cultural para o processo de ensino e aprendizagem.** IN: CAVALCANTI, Lana de Souza; PIRES, Matheus Marchesan (orgs). Geografia Escolar: diálogos com Vigotski. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2022.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Ensinar e aprender Geografia: elementos para uma didática crítica.** Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2024.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O meio como mediador para o desenvolvimento do pensamento Geográfico.** IN: OLIVEIRA, Adão Francisco (org.) et al. Geografias da Esperança: revisitar o Brasil, dialogar com o mundo. Anápolis: Editora UEG, 2024.

LOPES, J. J. M., & Vieira de Paula, S. R. (2020). **As crianças, os cantos, os debaixo e os atrás: crônicas de vivências espaciais.** Revista Signos Geográficos, 2, 1–16.

LOPES, J. J. M. (2024). **Mapas, vozes e cotidianos urbanos: como se espacializa a vida de crianças em uma escola pública no Rio de Janeiro.** Revista Crítica de Ciências Sociais, 116, 115-138.

MARINO, Leonardo Freire. **Por uma pedagogia da cidade: reflexões sobre educar e aprender no território.** In: MARINO, Leonardo Freire (organizador). A cidade como sala de aula: educar e aprender no território. Curitiba: Editora CRV, 2023.



MARINO, Leonardo Freire (org.). **Territórios educativos: experiências de educação intergral na cidade do Rio de Janeiro**. Volume 1. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

SANTOS, dos Santos. **(Geo)grafias do lugar: educação geográfica na escola básica**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2024.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2009.

TOASSA, Gisele et. Al. **As vivências: questões de tradução, sentidos e fontes epistemológicas no legado de Vigotski**. Psicologia USP, v. 21 (4), p. 757-779, 2010.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Quarta aula: a questão do meio na pedologia**. Trad. Márcia Pileggi. Psicologia USP, São Paulo, 21 (4), p. 681-70, 2010.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Sete aulas de L.S. Vigostki sobre os fundamentos da Pedologia**. Organização Zoia Prestes, Elizabeth Tunes; tradução Claudia da Costa Guimarães Santana. - 1. ed. - Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.